

A loucura como castigo – Ajax e Hércules. Delírio suicida, delírio homicida

Gilda Naécia Maciel de Barros¹

Resumo: A idéia de que os deuses podem levar uma pessoa à prática de crimes, ao desencadear em seu espírito certos estados mentais e emocionais mórbidos, próximos aos quadros de delírio, encontra sua exemplaridade no Ajax de Sófocles e no Hércules de Eurípides. Como esses heróis foram resgatados, na tragédia, do impasse existencial gerado pela aliança entre a loucura e o crime é o objeto desse artigo.

Palavras Chave: Desmedida (*hybris*) – furor (*Lyssa*) – cegueira (*ate*) – poluição (*miasma*) – crime – sofrimento – perdição – redenção – sabedoria.

Madness as punishment - Ajax and Hercules. Suicidal delirium, homicidal delirium

Abstract: The idea that the gods can lead a person to commit crimes, by triggering in his mind some morbid mental and emotional states, close to delirium, is exemplary represented by Sophocles's Ajax and Euripides' Heracles. As these heroes were rescued, in the tragedy, from the existential impasse generated by the alliance between madness and crime is the subject of this article.

Keywords: Immoderateness (*hybris*) - fury (*Lyssa*) - blindness (*ate*) - pollution (*miasma*) - crime - suffering - destruction - redemption - wisdom.

Em estudos anteriores² mostramos como há uma estreita ligação entre a tragédia grega e o tema da *loucura divina*, isto é, a loucura sobrevinda a alguém por atuação de um deus. Havia, entre os gregos, a crença de que os deuses podem levar uma pessoa à prática de crimes, ao desencadear em seu espírito estados mentais e emocionais mórbidos, próximos a quadros de delírio. A mesma convicção encontrou na literatura médica antiga outra leitura, construída com os ingredientes da loucura clínica autêntica, à qual não podem faltar ilusões, alucinações e visões.

Na forma de delírio individual ou coletivo³, esse problema movimentava a ação dramática em algumas tragédias gregas clássicas. No delírio individual a loucura é vista como castigo e como doença e encontra exemplaridade em figuras como Orestes, Ajax e Hércules.

Apresentamos em outro sítio⁴ o caso de *Orestes*, filho de Agamenão, rei de Argos, cuja loucura é desencadeada a partir do assassinio da mãe, Clitemnestra.

Examinemos dois exemplos de *mania* desencadeada por castigo divino: o *Ajax* de Sófocles e o *Hércules* de Eurípides.⁵ Naquela peça o delírio vem de Atena, nesta, de Hera. Como se dá, nesses casos, a aliança entre loucura e crime?

¹ Professora Doutora – Faculdade de Educação da USP.

² Gilda Naécia Maciel de Barros. *Psiquiatria e Humanismo – sobre a loucura na Grécia Clássica*. In: *Filosofia e Educação* 5. Org. LAUAND, L. J. 1 ed. São Paulo: FACTASH EDITORA, 2007. p. 07-14; -- *A face grega do irracional*. In: Luiz Jean Lauand. (Org.). *Filosofia e Educação - Estudos* 7. São Paulo: Factash Editora, 2008, v. 07, p. 23-36; - *O delírio individual como castigo e doença. Exame em Êsquilo e Eurípides. Orestes*. In: *Filosofia e Educação – Universidade – Orgs. Jean Lauand – Roberto C.G. Castro*. S.Paulo:FacTash editora, 2011, pp. 83-97.

³ Para o tema do *delírio coletivo* reservamos o estudo de *As Bacantes* (Eurípides).

⁴ cf. nota n.2.

⁵ Textos e traduções utilizados: *Para Ajax* - Sófocles. *Tragédias do ciclo troiano. Ajax. Electra. Filoctetes seguidas de Os Rastejadores*. Trad. do grego, prefácio e notas pelo Padre E. Dias Palmeira. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1973. *Para Hércules* - Eurípides. *Hércules*. Trad. de Cristina Rodrigues Franciscato. São Paulo: Palas Athena, 2003; - Eurípide. *Héraclès. Les Suppliantes. Ion*. Texte établi et

No *Ájax* a loucura não determina o crime propriamente dito - mas o fracasso do agente. No *Hércules* o herói, possuído por *Lyssa*, deusa do furor, assassina a esposa e os próprios filhos, tornando-se criminoso poluído e maldito. Retornando à consciência, ambos os agentes se horrorizam e de nada se lembram: nem *Ájax* de ter matado animais do rebanho grego, ao invés de seus inimigos; nem *Hércules*, de liquidar a própria família, que viera de salvar das mãos criminosas do tirano Lico.

Ájax é na *Iliada* o rei de Salamina, integrante da expedição grega dirigida por Agamenão, contra Tróia, para tomar essa cidadela e resgatar Helena, esposa do rei de Esparta, Menelau. Notável pela força física, disputa com Ulisses o segundo lugar em valor (*areté*). A excelência suprema sempre esteve reservada a Aquiles. É o herói que perdeu, para Ulisses, as armas de Aquiles.⁶ Julgava-se melhor do que Ulisses; obtê-las, como reconhecimento do valor, após a morte do filho de *Thétis*, seria a suprema glória; tê-las perdido para o filho de *Laerte* pareceu-lhe a suprema desonra. Sente-se desonrado; possuído pela cólera [*khólos*] volta-se contra Ulisses, os juizes e os chefes gregos.⁷ Planeja matá-los. Na *Iliada* Atena desvia a cólera de *Ájax* para o rebanho, salvando os gregos. Sófocles inova no tratamento do tema e acrescenta *astúcia* à ação da deusa, como se verá. Já no início da peça os ingredientes da catástrofe estão dados - a morte de Aquiles, o julgamento de mérito, a vitória de Ulisses, a derrota de *Ájax*. A ação dramática será alimentada pela natureza (*physis*) do herói, no clima do *ethos* heróico.

Por sua vez, *Hércules*, filho de Zeus⁸ e de Alcmena, é o herói nacional dos dórios. Foi vítima dos ciúmes da deusa Hera, que o submeteu aos caprichos do rei de Argos, Euristeu. E, pelo seu grande valor, é visto como um desafio aos imortais.⁹ Lê-se nos versos 841-842: “*Os deuses de nada valerão e grandes serão os mortais, se Hércules não for punido*”¹⁰

Mas, quem é, na verdade, *Hércules*?¹¹ Já no berço conseguiu esmagar as serpentes enviadas por Hera para devorá-lo. Escapou dos perigos e teve êxito em realizar as tarefas que Euristeu lhe impusera, graças à sua força prodigiosa. Com a clava e o arco, exterminou monstros: o leão de *Neméia*, a hidra de *Lerna*, venceu os centauros. Desceu ao *Hades* e libertou *Teseu*; de lá trouxe, sob correntes, *Cérbero*, o cão de três cabeças. Ajudou *Atlas* a sustentar o céu, abriu *Gibraltar* (colunas de *Hércules*). Libertou *Prometeu* do abutre que lhe devorava o fígado. Lutou na *Itália*, na *Líbia*, na *Lídia*, e assim por diante.

Eurípides inova e vai de encontro a dados relevantes da tradição mítica: o seu *Hércules* é capaz de suportar sofrimento moral e físico com nobreza.¹² Tem altas

traduit par Léon Parmentier et Heri Grégoire, 4e.ed. Paris:B.Lettres, 1965; Filomena Yoshie Hirata. *O delírio na tragédia grega*. Tese de doutoramento. FFLCHUSP. São Paulo, 1978. A tradução de alguns passos foi colhida desta tese, cujo valor foi inestimável para nossa pesquisa.

⁶Sobre o destino das armas de Aquiles: *Odisséia* XI 547 et sqs; Pindaro. *Nemeia* VII 22 et sqs, Sófocles. *Ájax* v. 1135.

⁷cf. registro em *Odisséia* XI vv. 543 et sqs., a cólera de *Ájax* prolonga-se no *Hades*. Starobinski julga que, na peça sofocliana, ela é a causa material da ação criminosa, cf. *La posesión demoníaca. Tres estudios*. Versión española de José Matias Díaz. Madrid:Taurus Ediciones, S.A., 1975. Original: *Trois fureurs*. Essais. Paris: Éditions Gallimard, 1974, p. 28.

⁸*Eurípides* explora a figura do pai duplo: Zeus, imortal; Anfitrião, mortal. Zeus não salva *Hércules* (vv. 339-347), mas Anfitrião o ampara e lhe tem profundo afeto. Cf. ainda vv. 1263-1265.

⁹Cf. ainda vv. 522 et sqs: *Hércules* iguala-se a Zeus Salvador; vv. 687 et sqs: *Hércules* iguala-se a Apolo. Sobre a relação entre grandeza e desmedida (*hybris*) em *Hércules*, veja-se o estudo de Cristina Rodrigues Franciscato, in: *Eurípides.Héracles*, ed. cit.

¹⁰Trad. de Cristina Rodrigues Franciscato, ed. cit.

¹¹Atente-se para o I estásimo dessa tragédia: aí o herói é hineado (vv. 348 et sqs).

¹²Cf. *Notice*, p. 3; p.5-6., in: *Euripide. Héraclès. Les Suppliantes. Ion*, ed. cit. Cf. também Filomena Y. Hirata, op.cit., p. 126.

qualidades como filho, pai, esposo e amigo; é por iniciativa própria que livra de monstros a terra e os mares; a loucura o alcança ao final de gloriosa carreira, não no início.

Relembremos o quadro em que aflora a loucura de Ajax. Após a morte de Aquiles, os gregos decidem que Ulisses ficará com as armas do herói. Inconformado, Ajax revolta-se; cego pela cólera e raiva, planeja vingar-se, matando os chefes - Agamenão, Menelau e também Ulisses. À noite, em sua tenda, possuído por cólera funesta, premedita vingança; segue-se a fúria, o *ofuscamento*. Deixa a tenda, ainda à noite, sem motivo que o justifique; irá executar o crime. Atena intervém, desvia a ira dele para o rebanho grego, *engana* o herói, que vê nos animais seus inimigos. Aos supostos chefes do exército grego, trucidada; ao suposto Ulisses, aprisiona, pensando destruir depois. Rodeado de animais ensanguentados, o herói delira, para diversão da deusa. A humilhação é brutal. O fracasso do golpe amplia, assim, o significado da desonra, o que abrirá espaço para a escolha radical – o suicídio. O assédio de Atena é absoluto; submete Ajax a cruel jogo de ilusão, que o expõe, em sua vulnerável cegueira, ao aniquilamento. A deusa dialoga com a vítima de dentro de seu delírio: fingindo crer que o animal aprisionado é Ulisses, pede a Ajax que dele se apiade (vv. 112-13). Estimula Ulisses a contemplar, a salvo, o espetáculo da queda do herói. Delineia-se uma figura trágica nos traços do herói ultrajado, exposto ao ridículo, sob humilhação insuportável. O caçador torna-se caça.¹³ Antes era um solitário; logo será um excluído, objeto de horror para todo o exército grego.

Recobrada a lucidez, não se lembra do que fez, percebe o erro, lamenta o fracasso e o ridículo.¹⁴ Muge como um touro, em desespero. A seu ver, o braço que executa o ato é o responsável; a Atena cabe o desvio do furor assassino (vv. 450-56). Afundara-se na infâmia: é, agora, carneiro odiento e poluído. O nó da ação está dado. O momento da verdade reclama um *que fazer?* (v. 457). Na sua clarividência, o herói não vê saída. Com que cara retornar ao lar, enfrentar o *pai*, humilhado e sem troféus, que representem e provem o seu mérito?¹⁵ Como continuar a combater ao lado do exército grego, após a ruptura da aliaça e seu descrédito? Não há alternativas: viver com glória ou morrer, recuperando, pela auto-imolação, a honra perdida. O seu filho deverá mostrar aos inimigos que, em valor, é igual ao pai (vv. 556-7; 574-76). O escudo de Ajax o protegerá; a espada, assassina, será o instrumento de salvação do herói, que se trespassará.

Quando Ulisses cerca a tenda de Ajax, desconfiado de que é Ajax o responsável por um ato de barbárie contra o rebanho grego, ocorrido à noite - reses foram degoladas e, com elas, seus guardiães - Atena o aborda, confirma a suspeita (vv. 29-44) e esclarece: "*Fui eu quem lho desviou desse prazer feroz, pondo-lhe sobre os olhos molestas fantasias. Depois, fi-lo voltar-se contra as bestas pilhadas ao inimigo, que estavam sob a guarda dos pastores, ainda misturadas e por distribuir. Investiu, então, contra as reses cornudas, entre as quais fez grande carnificina, trucidando por um lado e por outro; e ora lhe parecia que se apoderava dos dois atridas e que os matava com a própria mão, ora julgava que se atirava sobre outro dos comandantes. Ao homem que assim andava trucidando em redor, fui eu quem lhe excitou a furiosa loucura e o enredou em laços de morte.*" (vv. 45-61) *Em seguida, uma vez terminada a matança, atou com cordas os bois que restavam vivos, bem como todas as demais bestas, e conduziu tudo para sua tenda, na convicção de que apoderara, não de reses*

¹³Cf. Jean Starobinski, op.cit., página 26.

¹⁴O projeto – matar os seus inimigos, é iniciativa sua; a má execução resulta da intervenção de Atena. Cf. Starobinski, op. cit., p. 34

¹⁵Starobinski, op.cit., p. 36-38, avalia o valor heurístico da interpretação psicanalítica da figura do pai.

cornudas, mas de homens; e agora, na sua habitação, dá maus tratos aos animais que conserva ainda presos."¹⁶

A participação de Atena explica o fracasso funesto de Ajax: ao invés de ferir homens, ferira animais. Funesto para ele, que pretendia assumir o crime (vv. 450-456); errando o alvo, pôs-se em ridículo perante os inimigos, aumentando o seu opróbrio. Do ponto de vista da causalidade psíquica, a morte dos animais é tributável a Atena, não a Ajax; a deusa é a responsável pela *cegueira* do herói, que determinou o fracasso da ação criminosa. A ousadia, que radica na *physis* de Ajax, levou-o ao desejo de matar; durante a noite, o *isolamento* gestou insídias em sua mente, nutrido pelo *rancor* a Ulisses. O projeto assassino é dele, pois (vv. 387 et seqs); mesmo após o malogro, não o repudia: "Se os meus olhos e o meu espírito transtornado não me tivessem afastado da minha resolução, jamais dariam uma tal sentença contra outro homem qualquer. Foi a indomável filha de Zeus, a deusa de olhar feroz, quem, no momento em que já levantava contra eles o braço, me iludiu, incitando em mim uma loucura furiosa, a qual me fez manchar as mãos com o sangue destas bestas: por isso, depois de escaparem, contra a minha vontade, eles (os inimigos) se riem agora de mim." (vv. 425 et seqs) "Fui eu, dirá Atena, quem lhe excitou a furiosa loucura e o enredou em laços de morte." (vv. 45-61) O coro da peça dirá: "Nunca, ó filho de Télamon, te sobreveio tão grande loucura, que te fizesse investir contra os rebanhos. Foi, por certo, algum deus quem te enviou esse mal." (vv. 180 et seqs). Diante desse quadro, lavar a sua honra pelo suicídio.

Do ponto de vista *clínico*, cabe perguntar se o suicídio é um ingrediente da loucura.¹⁷ Nessa hipótese, adverte Starobinski, desfar-se-ia o clima da tragédia, excluídos estariam referências a *ethos* heróico e a ato de vontade lúcida e livre. A psicologia contemporânea, lembra Starobinski¹⁸, desconfia da argumentação filosófica que vê na *morte voluntária* um recurso contra a *necessidade*. Grandeza, liberdade e tragédia poderiam ceder lugar a explicações apoiadas em esquemas de culpa *sadomasoquistas*, a mecanismos de defesa contra a angústia insuportável, ou a varreduras na infância do herói, e até do próprio dramaturgo. Starobinski¹⁹ chama a atenção para o fato de que o suicídio é a negação por excelência do trabalho analítico, a expressão definitiva da ruptura do diálogo, e, no caso de Ajax, combina com o perfil de um *solitário*.

As explicações que a psicologia moderna legitima eram estranhas aos antigos, que opõem o *ethos* do indivíduo a um poder superior (*daimon*). Sófocles faz de Ajax um herói trágico: ele é o autor de sua morte, na qual vê uma alavanca para a perdição dos atidas, não o super-ego que julga e condena, não as pulsões, não os instintos. Todavia, na ótica de nosso tempo a perda das armas pode traduzir o *sentimento de castração*; na morte, a expressão da privação da virilidade fálica e, em toda tragédia de Ajax, um narcisismo humilhado.²⁰ A mentalidade moderna utiliza termos que falam de psicose, histeria, epilepsia; Sófocles e os gregos falavam em *bilis negra*, em melancolia, em avidez de sangue, em deuses intrusos e ciosos de suas prerrogativas e honras.

A referência à *bile negra* introduz uma questão: se ela é o braço armado do herói contra si e contra os outros, então o Ajax é doente e não herói trágico, ficando o suicídio por conta da causalidade natural. Como ajustar *discrasia* melancólica com

¹⁶ Vv. 62 et seqs. As traduções do *Ajax* são de Pe E. Dias Palmeira, cf. ed.cit.

¹⁷ A nosso ver, Starobinski, op. cit., páginas 47-51, oferece a esse respeito uma das mais interessantes e ricas interpretações da relação entre tragédia e loucura. Registramos aqui os débitos para com sua análise.

¹⁸ op.cit. pp. 14 et seqs

¹⁹ op.cit., p. 12

²⁰ cf. Starobinski, op.cit., p. 19.

vontade divina? No contexto médico livre escolha não ficaria em segundo plano?²¹ A questão persiste. B. Simon vê em *Ájax* um melancólico, cujas reações oscilam, em fases distintas, entre a euforia e a angústia.²² A seu ver, situação do herói é beco sem saída; a aporia está em sua *physis* e no *ethos*. *Ájax* é herói solitário: carece de estar só, isolado; carece de ser reconhecido como alguém especial; não aceita render-se e ser humilhado. Incapaz de aprender as lições do consenso, o herói não sobrevive à ruptura do *ethos* heróico. B. Simmon ressalta que no *Ájax* o herói e a sua doença são a mesma coisa, e ela é incurável.²³ A nosso ver, a superação da desgraça exigiria de *Ájax* uma atitude independente em relação aos valores do grupo, onde estão os seus iguais. Essa é a dificuldade do herói, que se libertará com a morte. Já o *viver a despeito de* é lição que o *Hércules* de Eurípides, arruinado, decide aprender. Sua loucura, pensa B. Simmon, não se apresenta como algo mais do que uma terrível aflição externa: o nó dessa peça aposta na mudança do *ethos* mítico e heróico em *ethos* trágico e existencial. Mudança que, no caso de *Ájax*, todavia, não se processa.

Ainda em análise da loucura de *Ájax*, Starobinski²⁴ lembra que a dramaturgia antiga está em posição oposta às psicoterapias clínicas, ao politeísmo de pulsões. Com isso quer ele dizer que a unidade do sujeito não se dissolve numa pluralidade de forças. A responsabilidade está centrada no agente, o herói, que deve responder por atos e crimes. Ao final de seu brilhante estudo, esse autor podera: a tragicidade, no *Ájax*, depende de se crer que um homem enlouquecido, adoecido pela revolta, fúria, orgulho ferido, pode, em recobrando a consciência após o louco crime, superar o desatino e se auto-imolar como um gesto de protexto, de auto-afirmação e revolta contra a própria loucura.

Examinemos agora a loucura de *Hércules*. Já se chegou a ver no *Hércules* um tríptico em que o ponto central é a loucura do herói. Na primeira parte da peça os familiares do herói estão em perigo mortal. Em Tebas, eles são vítimas da tirania e das ameaças de morte de Lico, que, tendo assassinado Créon, o rei, pai de Megara e sogro de *Hércules*, quer também destruí-los. Suplicantes, refugiam-se todos junto ao altar de Zeus. Não podendo violar o altar, Lico planeja queimar o local. A ameaça de morte iminente é angustiante: *Hércules*, ausente, não pode salvá-los. A esposa e o pai clamam por ele, ansiosamente esperado. *Hércules* retorna, mata Lico e salva toda a família, que ternamente mostra amar. A ação dramática parece completa: o mau é punido, o inocente é salvo. A seguir, tem início a tragédia do próprio *Hércules*. A reviravolta da sorte vem nesta segunda parte da peça: pela ação maléfica dos deuses, *Hércules* vai enlouquecer e matar aqueles que acabara de salvar.²⁵ Os resultados traumáticos da aliança entre crime e loucura movimentam a parte final da tragédia. Poluído pelo sangue de sua família, arruinado, o benfeitor da humanidade torna-se também um perigo para ela.

O problema crucial então, se define - *Hércules* tem, diante dele, o seu destino. Como reagirá? *O que fazer* ?

²¹ op.cit. p. 47

²² *Razón y locura en la antigua Grecia*. Madrid: Akal Editor. 1984. Original: *Mind and Madness in Ancient Greece*. The Classical Roots of Modern Psychiatry. Ithaca and London: Cornell University Press, 1978. Cf. p. 149, nota 4.

²³ op.cit., pp. 151-156.

²⁴ op.cit., p. 16

²⁵ Lembra K. Reinhardt que, no *Ájax* de Sófocles, a metamorfose da alma no acesso de loucura é deixada na penumbra; contudo, no *Hércules* de Eurípides ocupa o primeiro plano, em cena nuclear. Cf. *Eschyle. Euripide*. Traduit de l'allemand et preface par Emmanuel Martineau. Paris: Les Editions de Minuit, 1972, p. 43. De fato, no *Ájax*, o registro das transformações anímicas do herói é indireto, integra o relato de Tecmessa (vv.271-275).

Ao invés do suicídio, à moda de Ajax, Eurípides fará o herói aceitar a desgraça, decidir-se pela aceitação da vida, que agora abomina. O último trabalho de Hércules será vencer-se a si próprio e suportar-se, no infortúnio. O herói deve curvar-se à sorte (*Tykhe*)²⁶ e seguir o amigo Teseu, como um barco arrastado, a reboque. É preciso encarar a tentação da morte; não perseverar é próprio de um covarde (v.106). Um homem que não sabe suportar a adversidade, também não será capaz de enfrentar a arma do um inimigo. Eurípides revê, aqui, o conceito de *coragem*, que a tradição associava à ação guerreira. E reforça suas agudas críticas à religião grega: o benfeitor da Grécia, inatacável, pereceu por motivo fútil – o ciúme de Hera. O seu Hércules não pode aceitar que a loucura e os crimes tenham sido causados por essa banalidade (vv. 1301-10).

Consideremos mais atentamente o processo de alienação em que o herói se envolve. O ataque de loucura sobrevém a Hércules quando a paz e a ordem, por sua obra, retornavam à sua casa. Por decisão de Hera, esposa de Zeus, a loucura entra em cena com as deusas *Íris* e *Lyssa*. Diante de *Íris* e *Lyssa* o coro tem medo. O que, de terrível, com elas virá?

Com engenho e ironia, Eurípide constrói o discurso de *Lyssa*. *Lyssa* surpreende. O argumento da deusa repousa no discernimento entre a loucura e a sanidade. A deusa da loucura protesta contra a loucura de Hera, por querer enlouquecer Hércules, um herói de alto valor. É *Íris* quem explica. O salvo-conduto de Hércules expirou; concluídos estão os seus trabalhos, não mais é protegido por Zeus (vv. 824-832). *Íris*, então, ratifica a ordem de Hera; ambas querem se manche o herói com o sangue dos seus, pelo assassinio dos filhos (vv. 824-34). E instiga *Lyssa*: Hércules deve ser punido; caso contrário, os deuses nada valerão e a raça mortal terá o poder (vv 833-842).

Lyssa persiste em sua opinião. A punição é um erro; Hera deve ouvir a opinião – *sensata*, diríamos, da loucura e renunciar ao desígnio criminoso (vv. 843-854). Em favor do herói, *Lyssa* invoca o renome de Hércules, os seus trabalhos benfeitores. Em vão. *Íris* exige a queda do herói. Contrariada, *Lyssa* lava as mãos: cumprirá a ordem. Seu ataque será terrível: "*Nem as ondas desencadeadas pelo mar que muge, nem o tremor da terra abalada, nem o aguilhão angustiante do raio se igualarão à impetuosidade do corredor de estádios que vai correr no peito de Hércules. Eu farei cair o teto da casa, farei cair sobre ele o edifício, depois de primeiro fazê-lo matar os filhos. O assassino não saberá que imola seus filhos antes de ficar livre de meu furor. Vê, ele vai entrar na arena; já sacode a cabeça e, em silêncio, roda seus olhos convulsos e fulgurantes, sua respiração é desordenada, dir-se-ia um touro prestes a saltar; solta uivos terríveis, invocando as Keres do Tártaro. Logo te farei danças mais ao som da flauta que fará ressoar o medo.*" (vv. 861-871)²⁷ Hera atinge o alvo a que visava; fará do maior homem da Grécia uma ruína (vv. 1301-10).

Os *sintomas* da loucura de Hércules guardam alguma analogia com os quadros da loucura dionisiaca²⁸, mas analogia formal: aqui morte e sangue substituem êxtase e

²⁶A *Tykhe* explica a desgraça que alcança o herói (v. 1357). O aparato mítico torna-se anacrônico, se o ódio de Hera e as outras paixões atribuídas aos deuses são mentiras dos poetas (v. 1346). Cf. *Notice*, p. 9. in: Eurípide. *Héraclès. Les Suppliantes. Ion*, ed. cit.

²⁷cf. Filomena Y. Hirata, op.cit., pp.127-128.

²⁸Para a proximidade com delírio dionisiaco, cf. os versos 891-899 da tragédia de Eurípides. Sobre o *furor báquico de Hércules*, cf. a nota 160 da obra Eurípides. *Héraclès*. Trad. de Cristina Rodrigues Franciscato, ed.cit. Para estudo específico da relação entre o delírio de Hércules e o delírio dionisiaco, cf. H. Jeanmaire. *Dyonisos. Histoire du culte de Bacchus*. Paris:Payot, 1970

liberação. De qualquer forma, a imagem da loucura é devastadora, travestida de *Górgona* ou de *Lyssa*. Aquela é filha da noite e tem um séquito sibilante – víboras com cem cabeças; esta traz no olhar o pavor, que petrifica (vv. 875-887).

O canto do coro presente o que de terrível está por vir: "*Eis que principia uma dança onde não aparecem os tamborins nem o amável tirso de Brômio.*" (vv 892-3) "*Ela quer sangue, não a libação báquica do suco da vinha.*" (vv. 895-6) "*Ó horrível, horrível é a música desta flauta. A caça às crianças continua. Não é em vão que Lyssa desencadeará a bacanal no palácio.*"²⁹ Um mensageiro relata a desgraça (vv. 909-1015). A fúria alcançou o herói no palácio, junto ao altar de Zeus, em ofício de sacrifício purificador, assistido pela esposa, pai e filhos: "*Já não era mais o mesmo; o rosto descomposto; ele rodava os olhos onde aparecia uma rede de veias cheias de sangue e a espuma escorria sobre a barba espessa. Então ele põe-se a rir como um demente: Pai, por que acender o fogo do sacrifício purificador antes de matar Euristeu*"³⁰

O ponto crucial da crise vem com o estado de *euforia*.³¹ Hércules pede seu arco e sua clava. Quer partir para Micenas; põe-se a caminhar. Julga ter um carro que não tem, faz o gesto de subir e sentar-se e estende o braço para fustigar, como se tivesse um chicote (vv. 945 et sqs). Os criados não sabem o que pensar: está brincando ou ficou louco? (vv. 950-953)

Hércules percorre o palácio de ponta a ponta; na grande sala, afirma que chegou a Nisos (Mégara) e que entrou em uma casa; acomoda-se e sem cerimônia, crê servir-se de um repasto. Logo diz que se dirige ao Istmo. Lá, tira e joga sua capa e põe-se a lutar contra um adversário que não existe; a seguir, executando ele próprio as funções de arauto, ordena silêncio e se proclama vencedor desse combate fictício.

Ao estado de euforia segue-se o de *cólera*. De repente, Hércules faz ameaças terríveis contra Euristeu e julga estar em Micenas. O pai percebe o sofrimento e a estranha conduta do filho. Quer saber: *O sangue que acabas de derramar não te deixou em delírio?*"³²

Hércules pensa que seu pai é o pai de Euristeu, que suplica pela vida de seu filho e o repele; prepara o carcás e o arco para ferir seus próprios filhos, que toma pelos de Euristeu. Apavoradas, as crianças fogem; um refugia-se junto à mãe, outra na sombra da coluna, a terceira agacha ao pé do altar. A mãe grita: "*Ó tu que os geraste, que fazes? Vais matar teus filhos?*"³³

Euristreu e os criados também gritam. Em vão. Hércules caça impiedosamente as crianças, que mata com a maça e com a flecha. A um fura o fígado, a outra quebra o crânio, à terceira e à mãe dela alcança com a flecha. Apenas o pai escapa. Um dos filhos se identifica e suplica por sua vida; inútil - ele vira os olhos ferozes de uma *Górgona*. Hércules personifica a própria loucura. Brandindo a lança, assoma Atena e detém o *delírio*; o herói mergulha no sono.

O ímpeto da fúria homicida é assustador; por isso, após a chacina, o velho pai recomendará ao coro lamentos brandos, sem grito; se Hércules despertar, vai romper as cadeias, matar os cidadãos, o pai e derrubar o palácio! (vv. 1053-56)

Finalmente, a lucidez, recuperada. Hércules, que dormia no pátio do palácio, ao lado das vítimas, amarrado a uma coluna, desperta; não se lembra do delírio e do

²⁹ Vv. 895-97, cf. Trad. De Filomena Y. Hirata, op.cit., pp. 128-9.

³⁰ Vv. 931 et sqs, in: Filomena Yoshie Hirata, op. ci., pp. 122 et sqs.

³¹ Cf. Filomena Y. Hirata, op. cit., p. 130 et sqs: citando Jeanmaire, lembra que já se viu correlação entre as fases do delírio de Hércules e as do *grande ataque histérico*, segundo Charcot e seus seguidores.

³² Vv. 966-967. Trad. de Filomena Y. Hirata, op. cit., p. 136.

³³ Vv. 975-976, trad. de Cristina Rodrigues Franciscato, in: Eurípidés. *Héracles*, ed.cit.

crime (vv. 1120-22). Quer saber quem causou a desgraça. O pai responde: "*Tu e teu arco e quem dos deuses é o responsável.*"³⁴ Sente-se impuro; não quer poluir inocentes. Tem vergonha de seu erro. De novo, o herói diante de seu destino. A grande questão - o *que fazer?* O amigo Teseu, que resgatara do Hades, oferece-lhe a mão. Teseu não teme a mácula (*miasma*). Pela figura de Teseu, Eurípides engrandece a amizade, atribui-lhe poder curativo e a faz vencer o mal. Também pondera: deuses, se são deuses, não podem ser alcançados pela poluição. Trágico destino, o desse autor de façanhas. Venceu obstáculos que pareciam insuperáveis, e no mais alto ponto da glória, foi abatido pelo braço divino da loucura.

Hércules assoma como *figura trágica* à medida que, de herói benfeitor, passa, em razão da loucura, a feroz assassino de sua própria carne. Na primeira parte da peça, elevado à condição de libertador de sua mulher e filhos, o herói era, então, para eles, promessa certa de salvação. Tinha que salvá-los; que glória recolheria por ter combatido a hydra e o leão se não salvasse os próprios filhos? (vv. 579-581). Mas quando poderia ele supor que, à espreita, Hera aguardava a hora certa para golpeá-lo, quando atingisse a plenitude de sua excelência (*areté*)?³⁵

Diante dessa figura aniquilada, o que fez Eurípides? Eurípides, lembram os autores da *Notice*,³⁶ merece a glória de ter idealizado o herói a tal ponto que, prendendo-se ao episódio mais odioso de sua carreira – o assassinio de seus próprios filhos, consegue extrair daí um elemento novo de grandeza. Repensa o vínculo entre força física e coragem, amplia o seu campo de ação, extendendo esse vínculo ao domínio do espírito. Surpreendentemente, o seu Hércules não mergulha no aniquilamento e na auto-destruição; reconhece a extensão da queda, mas vislumbra a luz.

Eurípides desloca, assim, para a interioridade, o ponto de referência do valor. Hércules obedecerá ao destino, como escravo (vv. 1347 et sqs; 1357). A brutal força física com que vencera tantos perigos será substituída pela força da alma. Deve suportar, resignado e paciente, a sua triste condição. A excelência (*areté*), a partir de agora, virá pelo exercício da *vontade*, compreendida aqui como potência moral. O que, seguramente, representa, no contexto da ação trágica, o princípio de sua redenção.

O Ajax de Sófocles rompe a cadeia da desgraça porque se liberta da desonra com a morte. O Hércules de Eurípides rejeita a morte; a seu ver, importa resistir e vencer a tentação de nela se amparar. Dois heróis, trágicos, sem dúvida, alimentados, esses destinos, com o ingrediente da loucura. Diziam os gregos: os deuses enlouquecem aqueles que querem destruir. Partindo dessa crença, ensinam os trágicos: se o irracional permeia a existência, é preciso *aprender a ser sábio*, para conviver com o imponderável.

Recebido para publicação em 13-11-11; aceito em 04-12-11

³⁴ Vv. 1135, trad. de Cristina Rodrigues Franciscato, in: Eurípides. *Héraclès*, ed. cit.

³⁵ Para K. Reinhardt a loucura de Hércules é, inteiramente, obra do mau querer da deusa Hera. In: Karl Reinhardt. *Eschyle. Euripide*, ed. cit., p. 23. No mesmo sentido, B. Simmon, op. cit.

³⁶ cf. *Notice*, p. 19, in Euripide. *Héraclès. Les Suppliantes. Ion*, ed. cit.